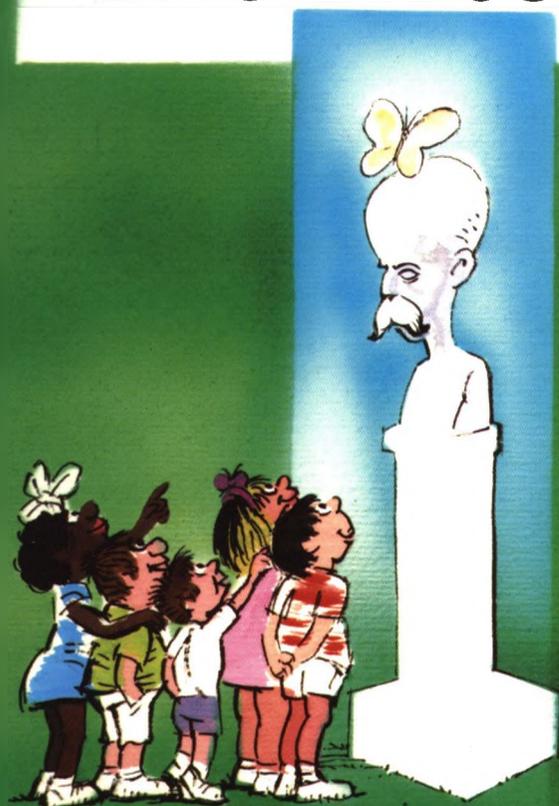


DOMINGO GONZALEZ CRUZ

A CASA DE RUI CHEIA DE ENCANTOS



A casa De Rui Cheia De Encantos

Domingo Gonzalez Cruz

A casa De RUI CHEIA De ENCANTOS

Ilustrações

Guidacci

2ª edição



Rio de Janeiro • 1999

Edições  Casa de Rui Barbosa

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura
Francisco Weffort

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Mario Brockmann Machado

Diretor Executivo
Luiz Eduardo Conde

Diretora do Centro de Memória e Documentação
Magaly Cabral

Chefe da Biblioteca
Maria Irene Brasil

Edição
Setor de Editoração/Centro de Pesquisas

ISBN 85-7004-179-9

Gonzalez Cruz, Domingo
A Casa de Rui cheia de encantos / Domingo
Gonzalez Cruz; Guidacci. - 2. ed. - Rio de
Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.
62p.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Barbosa, Rui -
Biografia. I. Fundação Casa de Rui Barbosa. II.
Título.

CDU 82-93
92 Barbosa

Sumário

- 7 Era uma vez...
- 11 Rui, a Casa, a Poesia

- 14 Tempo Tempo Tempo Tempo
- 16 Madrugador
- 18 Sem tempo a perder
- 20 Colagem
- 22 Oxigênio
- 24 Apaixonado
- 26 O descanso do guerreiro
- 28 Ferramentas de trabalho
- 30 Leituras
- 32 Historinha para não esquecer
- 34 Espaço afetivo
- 36 Neblina
- 38 Rotação
- 40 Viagem
- 42 Tempestade
- 44 O anjo da guarda
- 46 Revelação
- 48 Mudanças
- 52 O pé de lichia
- 54 833
- 56 Enigmas da Vila Maria Augusta

Era uma vez...

Eni Valentim Torres

um menino baiano de nome Rui – tão pequeno quanto seu nome – que nasceu num dia 5 de novembro do distante ano de 1849. Seus pais sonharam para ele dias felizes e desejaram que fosse culto e importante. Papai João José decidiu educá-lo e cuidava de ensinar-lhe o amor aos livros, à música, à sua prática, enfim. À mamãe Maria Adélia coube a tarefa de fazê-lo conhecer a religião, o amor ao próximo, o respeito e a proteção aos humildes, sobretudo a moral cristã.

E, assim, o menino Rui crescia física, espiritual e culturalmente. Logo se destacou como excelente aluno, graças à privilegiada inteligência e à vontade sempre presente de cada dia aprender mais e mais. Com 15 anos terminou os estudos de humanidades e recebeu uma medalha de ouro. No ano seguinte, lá estava ele recitando seu primeiro soneto e discursando na festa de entrega de prêmios no Ginásio Baiano – onde estudava.

Estudar era a vida do menino baiano. Com 16 anos incompletos matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. E descobriu uma das suas duas grandes vocações: ser advogado. A outra – diria ele mais tarde – era ser jornalista. Depois, seguiu o menino para São Paulo, onde terminaria o curso de Direito. Quando ele chegou, os colegas ficaram impressionados com vários caixotes de livros que desembarcaram do navio. Já então sua biblioteca era grande.

Em São Paulo, ele antecipava o que seria o homem Rui: escrevia nos jornais da Faculdade, discursava e se envolvia nas questões políticas e sociais. Formado, começou a trabalhar como

advogado em sua terra natal. E também como jornalista, no *Diário da Bahia*.

No Brasil de 1875 a escravidão era discutida e Rui colocou-se a favor dos escravos. Não poderia – é claro – esquecer-se dos ensinamentos recebidos na infância: a defesa dos perseguidos injustamente.

Aos 25 anos encontrou a querida companheira que com ele viveria 46 anos – Maria Augusta, a sua Cota. Deles nasceriam cinco filhos: Maria Adélia, Alfredo Rui, Francisca, João e Maria Luísa Vitória.

À família e à carreira Rui se dedicaria ativa e profundamente.

E foi envelhecendo, lutando e vencendo as dificuldades e os entraves.

Em 1889, Rui trabalhou num jornal muito importante do Rio de Janeiro – o *Diário de Notícias*. E escreveu artigos nos quais analisava a política do Imperador D. Pedro II e seu ministério. Especialmente num desses artigos, o do dia 9 de novembro, Rui pregou a revolução e, segundo alguns estudiosos da nossa História, colaborou dessa forma para a Proclamação da República. No Novo Governo Rui foi escolhido ministro da Fazenda e da Justiça (interino).

Nos anos que se seguiram Rui sempre participaria das questões políticas, quer no Senado, quer nos jornais.

Em todos os fatos importantes e, às vezes, complicados, de nosso País, Rui estava envolvido. Como aconteceu no ano de 1891: a Constituição foi, praticamente, escrita por ele. E como em 1892, quando se envolveu com a questão dos presos políticos que o Governo mandou para o Amazonas. Rui defendeu-os com um *habeas-corpus* – pedido feito pelos advogados ao juiz para garantir a liberdade de locomoção dos presos ilegalmente ou por abuso de poder. E foi o primeiro *habeas-corpus* sobre questão

política na justiça republicana...

Certa vez, estando na direção do *Jornal do Brasil*, Rui publicou a sua defesa aos presos políticos. Era 1893. Então, quando saía da sede do *Jornal do Brasil*, no dia 5 de setembro, foi avisado que aconteceria a Revolta da Armada no dia seguinte. Escondeu-se, porque fora considerado o líder intelectual do movimento. E pediu asilo à Legação do Chile. Em seguida, disfarçado de turista inglês, enganou a polícia do Governo Floriano Peixoto e embarcou para a Argentina – já com a família. Depois, foi para Portugal e, finalmente, para Londres – Inglaterra – onde ficou morando até voltar para o Brasil, em 1895.

Rui sofreu muito durante o seu afastamento da Pátria tão amada. Aqui deixou os amigos, e a sua casa – que começara a comprar no ano de 1893.

Embora distante, Rui continuou a produzir trabalhos importantes. São dessa época as famosas *Cartas de Inglaterra* – publicadas no *Jornal do Comércio*.

No dia 12 de julho de 1895 Rui e sua família – já maior, pois nascera a caçulinha Baby (Maria Luísa Vitória) – voltaram ao Brasil. E Rui foi recebido com grandes homenagens. E, enfim, chegou à casa da Rua São Clemente – a Vila Maria Augusta – onde moraria até a morte.

A Vila Maria Augusta seria o personagem mudo e paciente observador da vida de Rui. Em seus jardins ele passearia e meditaria – com certeza – sobre as grandes questões do País ou sobre as cotidianas questões familiares. Todas as manhãs, bem cedinho, a Vila veria um Rui só a ela revelado: de pijama, podendo roseiras e retirando as folhas secas caídas no jardim. À tarde, abriria feliz suas portas para o retorno do cansado trabalhador que, de volta ao lar, viria sempre carregado de livros para a sua biblioteca. Só à Vila foram revelados os segredos do homem Rui,

que se ocultaram sob os seus discursos, as suas conferências, os seus livros, os seus pareceres...

Pôde conhecer o casarão da Rua São Clemente os verdadeiros amigos de Rui e as decepções sofridas nas relações com falsos amigos. Com certeza, alegrou-se, em 1921, com o convite dos formandos de Direito de São Paulo para que Rui fosse o paranin-fo da turma. E se entristeceu com as derrotas sofridas em 1910 e 1919, quando Rui se candidatou à presidência da República.

Não é difícil imaginar o contentamento e o brilho da Vila Maria Augusta, quando Rui retornou da Conferência da Paz, em 1907, consagrado como "Águia de Haia", por ter conseguido suplantar as mais poderosas potências estrangeiras com suas tão brilhantes teorias de igualdade.

À Vila Maria Augusta coube o privilégio de conviver intensamente com o homem Rui. Observou-lhe todos os instantes – isto é, quase todos os instantes. Porque não lhe foi consentido vê-lo partir. Em 1923, quando morreu, Rui estava em Petrópolis.

E, hoje, é possível imaginar a presença de Rui, quando se visita a Vila Maria Augusta. Parece que suas paredes, seus jardins, seus móveis estão cheios de invisíveis sinais reveladores. E são um convite ao sonho e um retorno ao passado... E um desafio, a fim de que não deixemos morrer as propostas do menino baiano compromissado com a justiça e a liberdade.

Rui, a Casa, a Poesia

Antonio Carlos Villaça

Domingo Gonzalez Cruz é fundamentalmente um poeta. Vive entre a biblioteca, o teatro e a rua. A rua o atrai. A conversa noturna. O bar com os seus sortilégios. Certa boemia tranqüila e até fecunda. O teatro de Maria Clara Machado, a Casa de Rui em São Clemente, com sua biblioteca infantil, o diálogo com os amigos, a poesia de Drummond, tudo isso o seduz. A esse galego autêntico que é hoje um autêntico brasileiro, um carioca, carioquíssimo.

Thiers Martins Moreira, o mestre de *O menino e o palacete*, abriu-lhe a Casa de Rui. E Domingo se entregou, ao longo dos últimos vinte anos, à biblioteconomia, aos leitores, aos meninos ávidos, como se entregou generosamente à poesia, a uma criação poética que está entre as mais genuínas da sua geração. Foi a Itabira, para escrever o seu ensaio a respeito de Drummond, que é a sua grande inspiração perene.

Agora, de repente, na plenitude do destino de poeta, escreve com rapidez, com ímpeto, estes poemas sobre a Casa Rui, que é também a sua casa, a Casa da sua vida, desde mocinho. O lugar do seu trabalho. Ali, na sucessão dos dias, conheceu Américo Jacobina Lacombe, que dirigiu a Casa por 54 anos. Domingo carrega dentro de si este duplo culto existencial – o de Rui e o de Drummond. E os poemas foram chegando, foram brotando, um depois do outro, rápidos, sinceros, nítidos.

O poeta foi extremamente feliz, ao captar essas mensagens, profundas, fugidias, misteriosas, o Conselheiro no jardim, no quintal, entre as rosas bem-amadas, manhã cedo, a ver, a podar, a exercitar os seus dons de homem universal, universalidade

voraz, devoradora, o diálogo sereno do homem sábio com as plantas, que ele conhecia tão bem como conhecia os livros.

E aqui aparece a biblioteca quase catedralícia, as estantes, as escadas e o homem pequenino a caminhar por ali, à procura de certa página, certo autor, na fugacidade das horas. Domingo o espreita, o segue, com delicadeza, com devoção, com aquela discrição drummondiana em que Gonzalez Cruz é lépido mestre. A conversa de Rui com os livros, noite e dia, solitariamente. Domingo absorve tudo isso, maviosamente, com a agudeza que lhe é própria.

E vemos a graciosíssima Cotinha, Cota, Dona Maria Augusta, a dona da casa, que lhe guardou o nome – Vila Maria Augusta. O retrato imenso, ainda moça e bela, imperiosa, na Casa em que viveu por vinte e oito anos. E dali saiu o corpo de Maria Augusta, certa manhã de 1948, para o cemitério de São João Batista, depois do discurso emotivo de João Mangabeira, despedindo-se dela.

Ali está o automóvel 833, que é uma peça curiosa e tanta impressão causou em Orígenes Lessa. O passado revive envolto em poesia, impregnado de mistério, ondulante, e tudo está perto de nós, pela força da criação literária. A Casa está dentro de nós, com os seus ritos, a sua rotina sutil, o abrir e fechar das portas, a biblioteca e o jardim, as salas tão solenes e, no entanto, leves.

Domingo transfigurou tudo, com o poder da sua arte. Vemos a neta de Rui, a primeira neta, inteligente como a avô, e ela seria médica e seria freira, Irmã Ana de Lourdes, hoje refugiada no Carmelo de Teresópolis, amicíssima de Dom Clemente Isnard, monge e bispo. Ela conversa com o avô. Tão à vontade. Quando ele morreu, ela tinha nove anos. Hoje, está mais velha do que ele, ao morrer. A futura freira conversa com Rui, o leitor da *Imitatio Christi*, como conversam com Rui naquela Casa o presidente de

Portugal, Paul Claudel, Horácio Lafer, que representa a turma da *Oração aos Moços*.

Domingo nos traz tudo isso, para que as novas gerações voltem a dialogar com o Rui vivíssimo de tantas mensagens do mais puro humanismo brasileiro. Uma atmosfera.

Rio, Praia do Flamengo, 15 de setembro de 1994.

Tempo

Tempo

Tempo

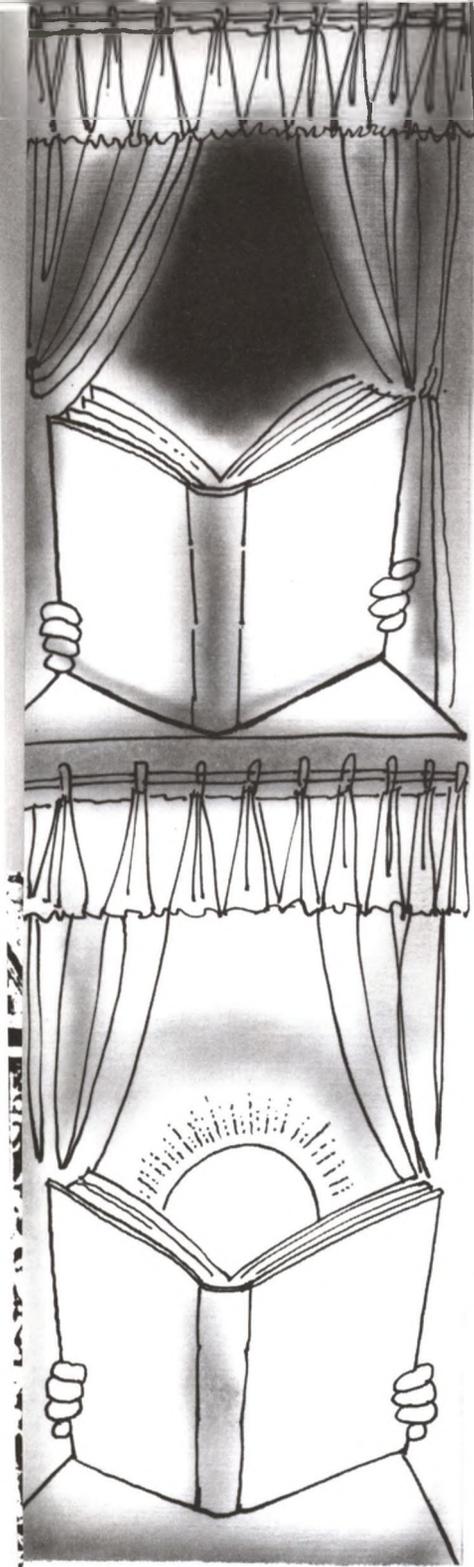
Tempo



Às vezes sob o céu anil
colorindo a varanda da frente
Rui parava perto da casa
com a bengala na mão
e o chapéu eterno na cabeça

Tudo parecia intemporal
quando ele tirou esta foto
agora
beirando o ano 2000

Madrugador



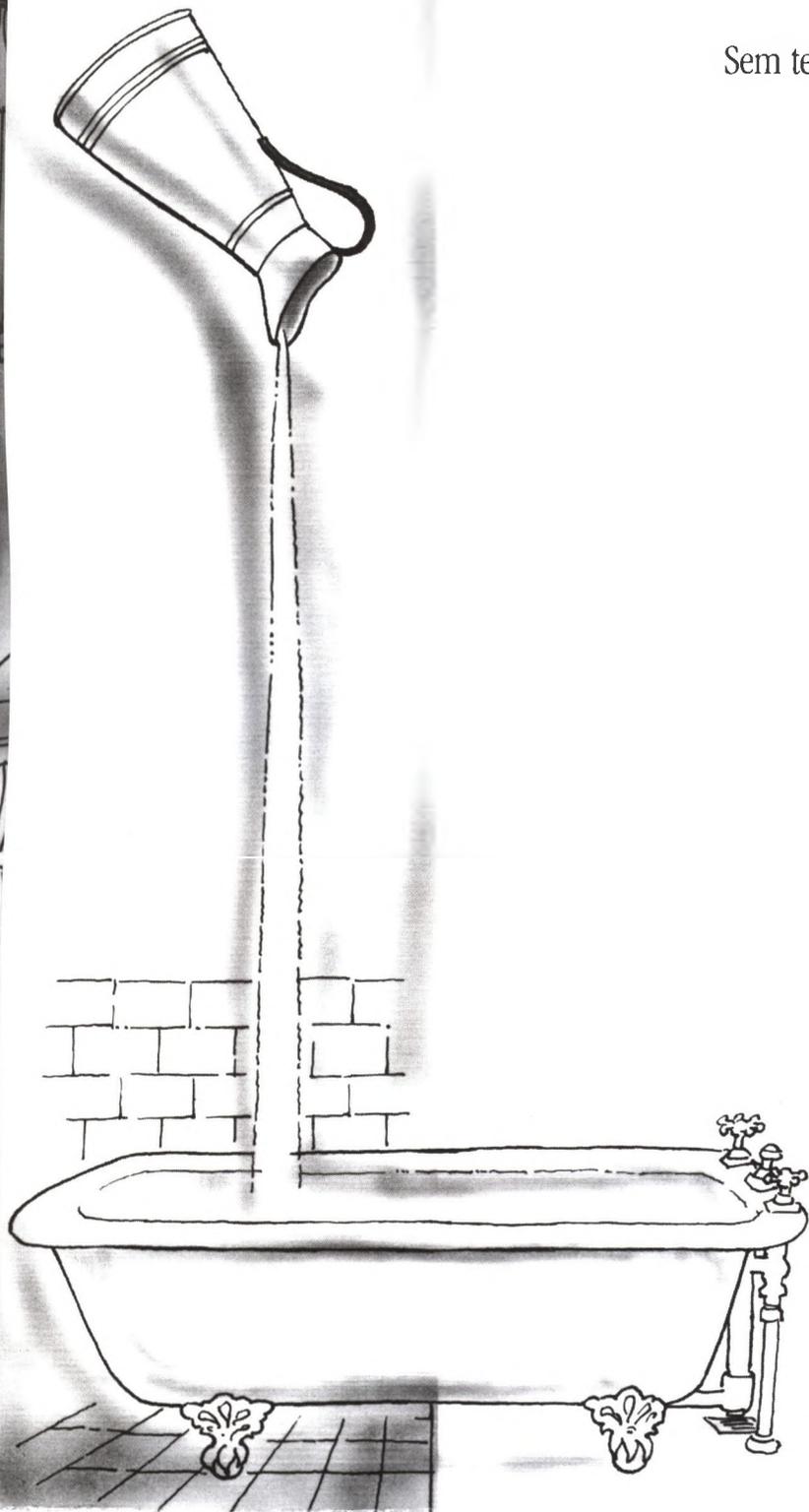
O galo já cantou?
O leiteiro já passou?
O barbeiro já acordou?

Quem estará na biblioteca
às 5 horas da manhã
rosto lavado
bigode perfilado
devorando livros?

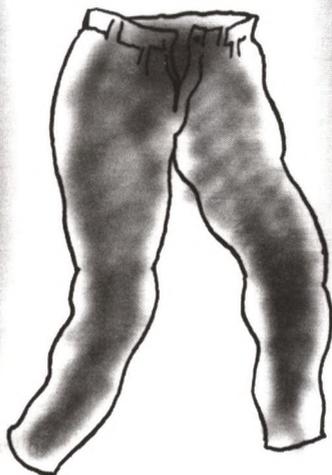
Um cupim estudioso?
Um mosquito ansioso?
Uma libélula letrada?
Um sapo no meio da sala
dizendo: – Fui escritor? Não fui?

Psiu! É o Rui!

Sem tempo a
perder



Banho morno
banho forno
suor espantando canseiras
Seis e trinta da manhã
meia-hora fazendo hora
entre uma leitura e a aurora
Sai do banho
às sete horas está prontinho
dispensa um copo de vinho
que aqui não é Europa
upa! epa! opa!
Que prazer Maria Augusta
este chá preto com leite
este pão de provença com manteiga
e eu aqui ao seu lado!



Calças brancas de linho
Paletó de lã escura
para espantar o frio
Sobrecasaca azul-marinho
para o céu cinza claro ou escuro
Camisas de peito duro
para gravatas brancas
quase borboletas descansando

O alfaiate era português
e fabricava para o freguês:
fraque de linho?
botinas pretas?
chapéu de fino feltro?
meias de algodão finíssimo?
pince-nez?

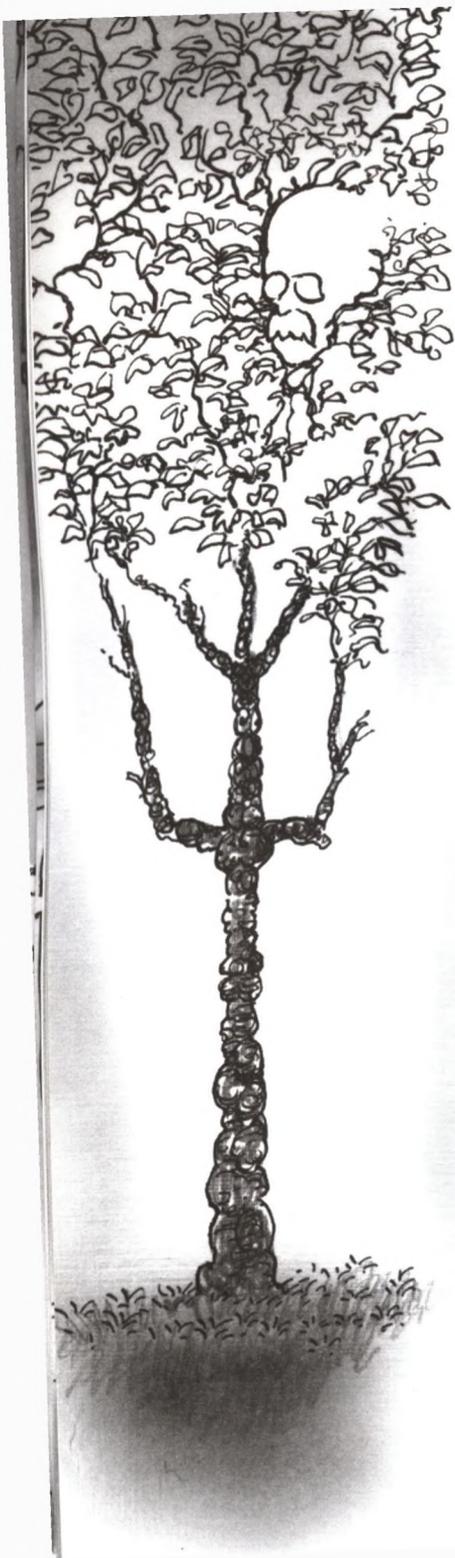
Nada disso.

O alfaiate era português
e durou bastante
pois o freguês era atencioso



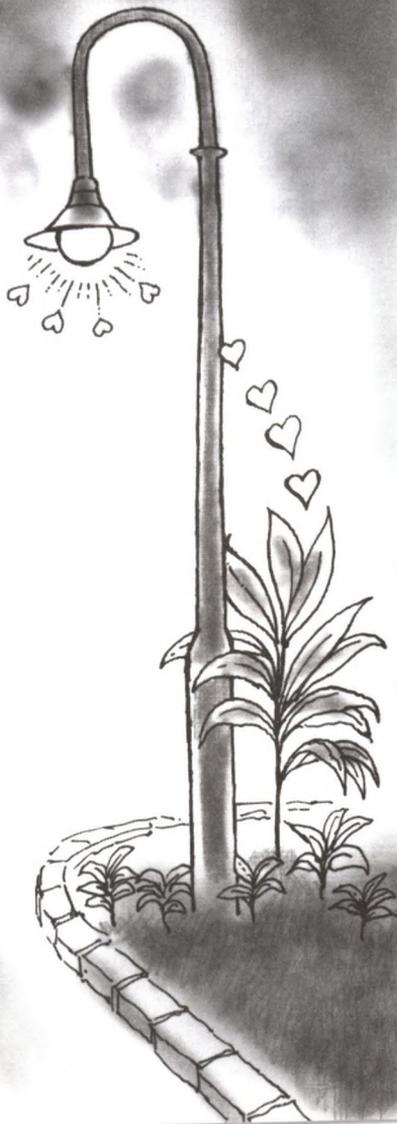
Adormecia a noite inquieta
para despertar o amanhecer
Acordava a manhã adormecida
para antecipar o dia
E visitava as madrugadas
para colher os frutos do trabalho

Apaixonado



Rui circulava pelo jardim
enroscando o olhar
nas curvas das roseiras
Será que ele procurava uma rosa
para o sobrenome Barbosa?

O descanso
do guerreiro



Passear com ela
entre uma árvore e uma flor
Passear com ela
entre um canteiro e uma dor
Passear com ela
entre um lago e um cantor
Passear com ela
entre as pedras e o vento
Passear com ela
entre a lua e o amor
Passear com ela
entre a rua e o muro
Passear com ela
entre as sacadas e o escuro
Passear com ela
entre os críticos e a meiga voz
Passear com ela
entre os livros e o seu olhar
Passear com ela
entre o mar e o nosso mundo
Passear com ela
entre os filhos e tantos netos
Passear com ela
para esquecer os políticos

Ferramentas
de trabalho



Parado perto das estantes
não estava perdendo os instantes de

sentir

ler

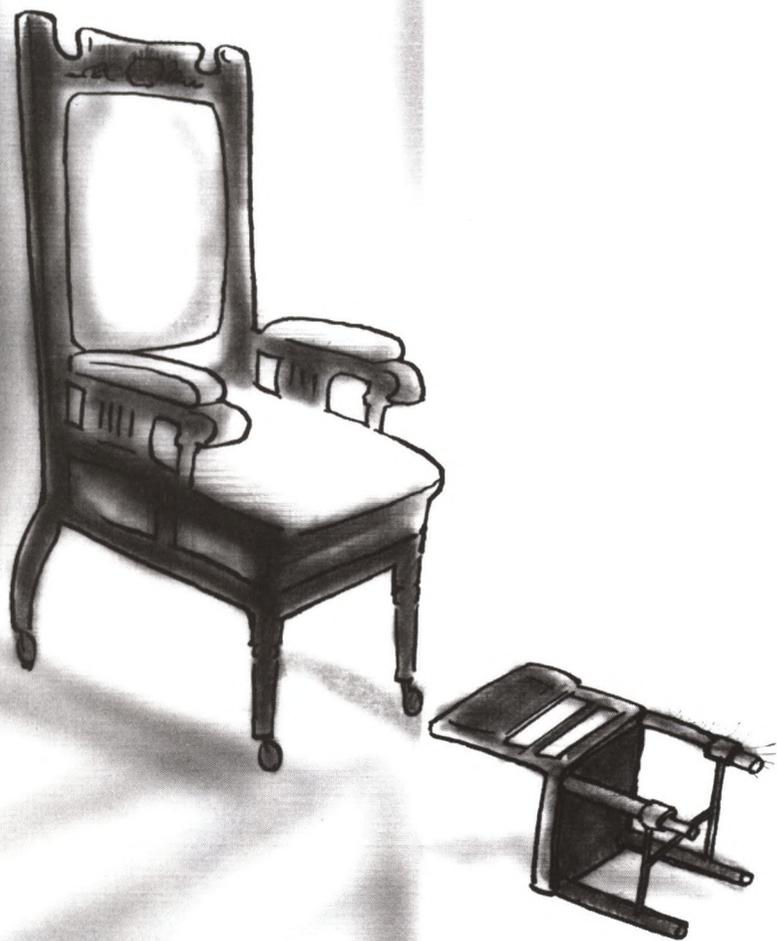
cheirar os livros

Parado perto das estantes
quem estaria mais arrumado?
O imperador da biblioteca?
Ou cada livro bem encadernado?

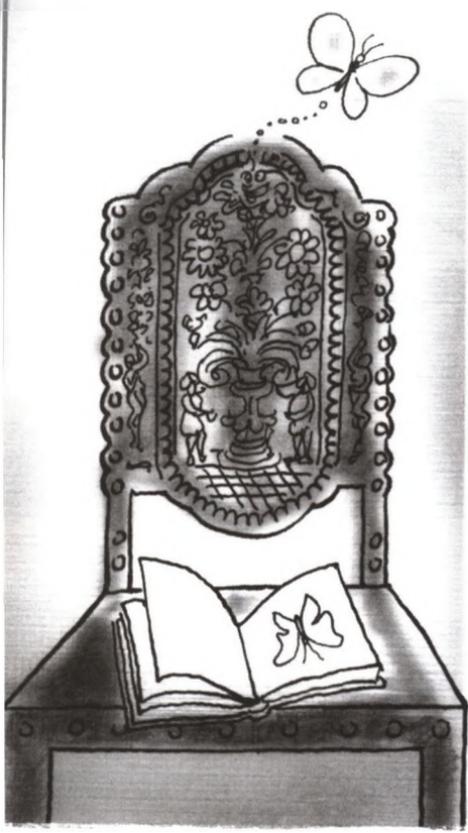


Lia no bonde e na carruagem
lia no cinema e no teatro
lia no discurso e na conferência
lia as roseiras e os espinhos
lia as orquídeas e o silêncio
lia os quadros e as palavras
lia as cerâmicas e as pratarias
lia revistas e dicionários
lia livros e as entrelinhas
lia a sopa e as letrinhas
lia até para Lia
que vivia na cozinha?

Historinha
para não
esquecer



Era uma vez uma moça chamada Lia
Era outra vez mais uma moça chamada Judite
Foram escravas
Foram herdadas
Mas Rui não queria esse tipo de herança
Seria uma tatuagem torturante
Era mais uma vez outra moça chamada Judite
Era mais uma vez uma moça chamada Lia
Livres livres livres
como o vento que vem do Norte



Parava a orquestração das palavras
e recebia as crianças no escritório

Esquecia leis, políticos, polêmicas
para inaugurar mais uma vez

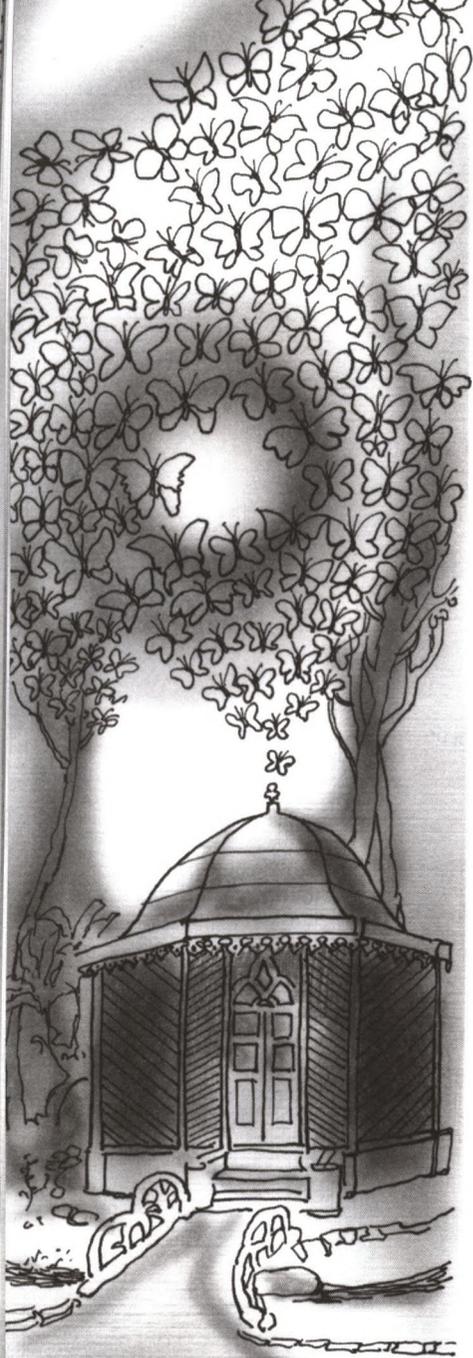
a primeira biblioteca infantil
da Rua São Clemente
E os livros? E o bibliotecário?
E as histórias? E as mesinhas?

Ele inventava o espaço
lendo e brincando com os netos

Aqui passou o lobo
procurando Chapeuzinho Vermelho?
O espelho delator da beleza
de Branca de Neve
multiplica-se nas portas das estantes?
João Felpudo vaga na sala limpa e arejada?
O príncipe procura Cinderela
na platéia enluarada?
A Bela Adormecida estará dormindo
no quiosque ou nas pedras do lago?

O escritório não responde
e vejo na neblina da imaginação
o avô mais uma vez ouvindo
sua neta Lucila "fingir ler"

Neblina



Irmã Ana de Lourdes

(Lucila)

quem procuras sem sair do convento
aqui na mansão da Rua São Clemente?

Procuras a voz do avô

branda

meiga

esquecida dos rompantes

sem o trinar da oratória

sem as sinuosidades e tons

solta

suave

Procuras a voz que acalentava

teus sonhos de menina

teus desejos de viver

Procuras a voz que abraçava

tuas leituras e espantos

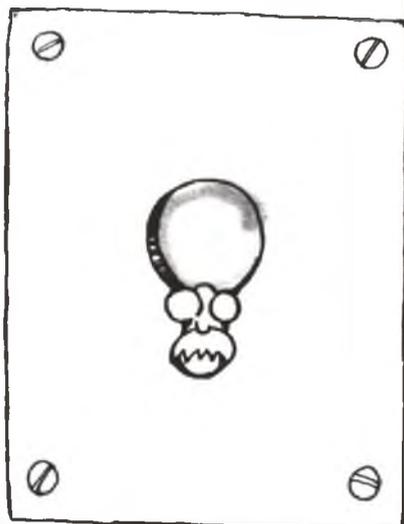
perante o milagre da vida



Estas estantes não são rodas
mas rodam na vertical
direita ou esquerda?
em círculos espaciais

Brincam de esconder
no lado escuro
os livros que procuro

Estas estantes rotativas
parecem as luas da imaginação



Não sei a idade
da chave do porão
É pesada e gelada
é de ferro ou de cobre?
É sonora e suave
como o sino que poderia ter sido
É a memória ativa
da porta antiga
Parece perdida
no túnel do tempo

Tempestade



chuvas viração rodopios
píam os pássaros
chuvas emoção águas assovios
píam os pássaros
águas rodopiam
o barquinho de papel
águas assovios
no abricó pulam macacos?
ventanias solidão trovões portas e trincos
batem batem
e as crianças viram formigas
nos prédios dos formigueiros
chuvas inundação
os ovos do caracol
não se aquecem ao sol
ventos fugidios
agitam plantas aquáticas
águas assovios
trovões portas trincos e arrepios
tornam sombria
a casinha no fundo do quintal
gritos alaridos
bruxas ou duendes?
ventos assovios
quem estará lá dentro?
o forno desativado
adeus pães bolos biscoitos e sonhos

O anjo da
guarda



Depois que ele partiu
Maria apenas Maria
recolheu na ondulação dos lagos
entre as mãos saudosas
todas as cores e formas da Vila

Guardou a Vila Maria Augusta
dentro do coração
serenou a despedida
e visitava o antigo lar
com o olhar afetivo
de quem tinha sido a paz
e o porto seguro
para o impetuoso e caudaloso
rio Rui Barbosa



Encantamento por casa antiga
revela-se nos detalhes
São as tábuas rangendo um ronco
intemporal
A voz do dono revoando
(faz de conta)
pelos tetos desenhados
O desejo de ver como três portas
numa só
abafam os ruídos urbanos
A vontade de saber quem ofertou
o carro
por amizade à família
Seguir nos livros da biblioteca
as trilhas vermelhas e azuis
do leitor atento
nas páginas assinaladas
Perceber as caminhadas das sombras
nos rastros da luz solar
pelos beirais, paredes e pisos
Supor que os fantasmas
e os morcegos se escondem nos sótãos
Amar os movimentos das formas
e o rosto da casa
corando

Mudanças



Houve um tempo
em que o Barão da Lagoa
andava pelos corredores da casa
e das janelas dos fundos
via o telheiro
 o banheiro
 o galinheiro
 o jardim
 a horta
 o pomar
 o parreiral
 os vergalhões
 as barras de ferro

Houve um tempo
em que Rui Barbosa
andava descobrindo a casa

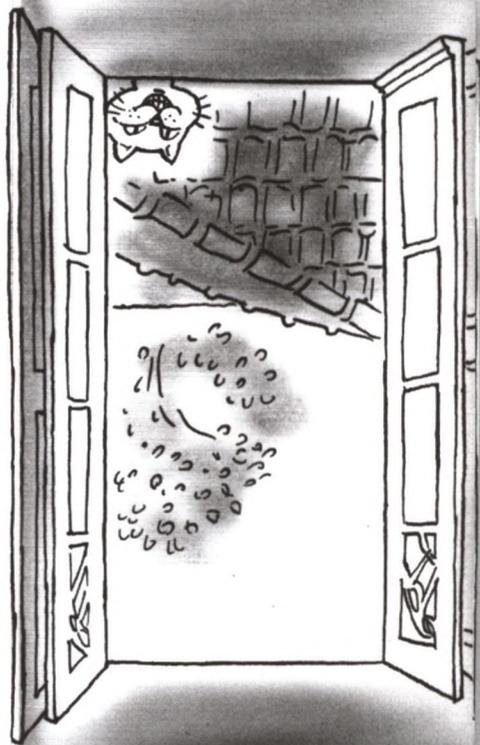
e do meio dos verdes fundos
via as descidas do telheiro

e do corredor divisor da casa
via as reformas do banheiro

e das grades silenciosas
via o cacarejar no galinheiro

e no jardim quase um chuveiro
via o orvalho molhando o canteiro

e na horta que se fingia de morta
via a natureza hortando gostosuras



e no pomar via o sol e as sombras
brincando com as frutas o ano inteiro

e no parreiral via uvas maduras
pedindo para serem comidas

e nos vergalhões e nas barras de ferro
via as rosas despidas pelo tempo

Houve um tempo
em que a casa foi vendida para o governo

e na escadinha lateral Maria Augusta
não espera mais o Conselheiro

O pé de lichia



Teus misteriosos cem anos
dominam o jardim
Já vi visitantes abraçando teu tronco
como se fossem velhos amigos

Já vi crianças virando
o dia pelo avesso
enquanto brincavam
de pique ao teu redor

Vi contadores de histórias
colocando as aventuras dos homens
sob a proteção da tua copa
E nossos olhos cintilavam

Quando conheci teu banco de pedra
e descansei sob tua sombra
eu não sabia que eras chinesa
e tão rara neste país

Rui plantou tua vida neste jardim
Ele não chegou aos cem anos
Não viu teus frutos
Perdeu a tua primeira frutificação
Mas em silêncio
comungou com a natureza
o pulmão que representas
neste meio urbano
não muito respirável
agora

Aí vai o carro
voando para o cinema

Aí vai o carro
carregando livros

Aí vai o carro
subindo a serra

Aí vai o carro
levando orquídeas nas
poltronas

Aí vai o carro
ninando crianças

Aí vai o carro
e o candidato a presidente

Aí vai o carro
atropelando as injustiças

Aí vai o carro
coroando a Paz

Aí vai o carro
revendo as árvores



Aí vem o carro
apostando corrida com a multidão

Aí vem o carro
despistando problemas

Aí vem o carro
todo perfumado

Aí vem o carro
nervoso e polêmico

Aí vem o carro
animado para o baile

Aí vem o carro
agradecendo os aplausos

Aí vem o carro
buzinando contra as ditaduras

Aí vem o carro
amando a natureza

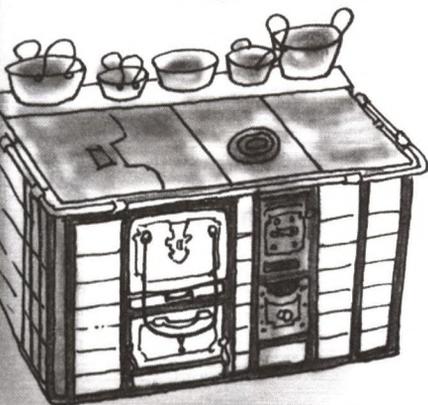
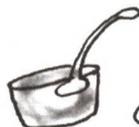
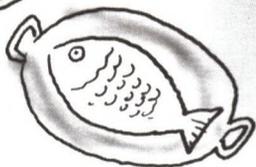
Aí vem o carro
entrando na garagem

Aqui está o carro
olhando o jardim e nada mais

Enigmas da

Vila Maria

Augusta



Quem parece reinar
entre os móveis da sala de Haia?
A Paz

Quem aguarda na sala de música
o sarau que não começa?
O piano

Quem espera no escritório
o Conselheiro que não chega?
Os livros

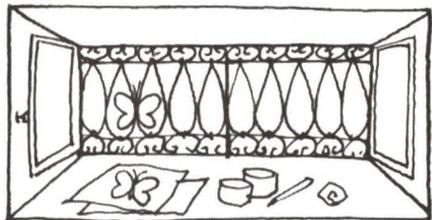
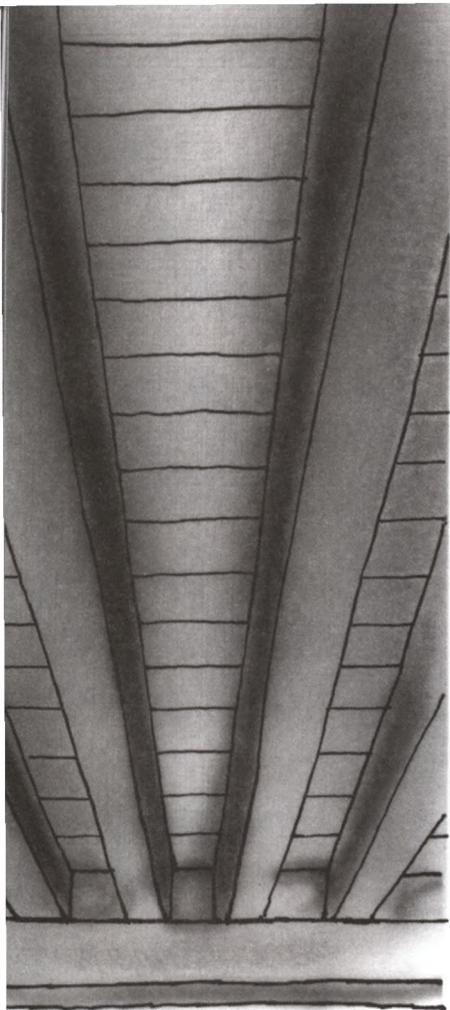
Quem circula no vão da escada
assustando as crianças visitantes?
As sombras

Quem bóia navegando no chão
e é mais clara que a Branca de Neve?
A clarabóia

Quem parece não ter idade
e já mudou a dentição?
O telheiro

Quem parece uma geleira
de tão fria fria friagem?
A cozinha

Quem mostra o esqueleto do palacete
provocando calafrios de admiração?
O porão



Quem conta histórias da família
sem dar as pistas de imediato?
O mobiliário

Quem a sala de estar
aguarda para longas conversas?
Os amigos íntimos

Quem na sala de jantar
aguarda os convidados?
A mesa vazia

Quem almoça sozinha
na sala de almoço?
A ausência

Quem os espelhos refletem
no imaginário da sala de visitas?
Aquele baile

Quem é a impaciente
sentada em todas as cadeiras?
A sala de espera

Quem os quartos de vestir
parecem anunciar em cada detalhe?
O encontro do casal

Quem o quarto do casal



deixa pairando no ar?

O amor

Quem não faz mais barulhos
no refeitório dos criados?

O silêncio

Quem está pulsando
nos retratos das crianças?

A infância

Quem chega às janelas
e acena para os visitantes?

A saudade



Acabou-se de imprimir em
dezembro de 1999, ano do
Sesquicentenário de nascimento
de Rui Barbosa.

FUNDO
NACIONAL DE
CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

ISBN 85-70-04179-0



9 788570 041791